



Universidade de Brasília – UnB
Decanato de Ensino de Graduação
Universidade Aberta do Brasil – UAB
Instituto de Artes – IDA
Departamento de Música
Curso de Licenciatura em Música a Distância

**POR DETRÁS DAS CORTINAS: O
PROCESSO DE PREPARAÇÃO DE UM
RECITAL DIDÁTICO PARA A FORMAÇÃO
DE PLATEIA**

SILVIA REJANE TEIXEIRA DE ABREU

Rio Branco - AC, dezembro de 2012

**POR DETRÁS DAS CORTINAS: O
PROCESSO DE PREPARAÇÃO DE UM
RECITAL DIDÁTICO PARA A FORMAÇÃO
DE PLATEIA**

SILVIA REJANE TEIXEIRA DE ABREU

Monografia de Conclusão de Curso
apresentada ao Curso de Licenciatura em
Música a Distância da Universidade de
Brasília.

Orientador: Dr. Hugo Leonardo Ribeiro

Rio Branco - AC, dezembro de 2012

**POR DETRÁS DAS CORTINAS: O
PROCESSO DE PREPARAÇÃO DE UM
RECITAL DIDÁTICO PARA A FORMAÇÃO
DE PLATEIA**

SILVIA REJANE TEIXEIRA DE ABREU

Rio Branco - AC, dezembro de 2012

Banca Examinadora:

Prof (a) Dr. Hugo Leonardo Ribeiro
Departamento de Música da UnB
Professor (a) Orientador (a)

Prof (a) Paulo Roberto Affonso Marins
Departamento de Música da UnB
Banca Examinadora

RESUMO

Este estudo analisa o processo de elaboração de um recital didático para a formação de plateia em música, realizado por licenciandos do curso de Música da Universidade de Brasília, em sistema de Ensino a Distância. O projeto idealizado no semestre 2012.1 visava, além da ampliação de repertório, entender como os alunos escutam música e que estas músicas significam para eles. Na investigação utilizou-se o método da “pesquisa ação” que possibilita aos investigadores conhecer a realidade sociocultural e musical dos investigados, interagir com eles e intervir de forma significativa em toda a pesquisa. Durante este processo investigativo foram aplicados questionários administrados e, a partir das respostas obtidas, oferecidas oficinas pedagógicas musicais onde foram trabalhadas apreciação musical e formação de plateia que conduziram à realização do Recital Didático. São elencadas, neste artigo, as experiências vividas durante o desenvolvimento do projeto de preparação do recital didático que servirão de base de pesquisa para os interessados neste tema.

Palavras- chave: Elaboração de projeto, Recital Didático, Formação de Plateia.

ABSTRACT

This study analyzes the process of preparing a recital didactic for training audience in song, performed by undergraduates course of Music at the University of Brasilia in distance learning system. The project conceived in half 2012.1 was intended, in addition to expanding the repertoire, understand how students listen to music and these songs mean to them. In the research we used the method of "action research" that enables researchers to know the reality of sociocultural and musical investigated, interact with them and intervene significantly throughout the study. During this investigative process administered questionnaires were applied and, from the responses obtained, offered musical workshops where they worked teaching music appreciation and education of audience which led to the completion of Didactic Recital. They are listed in this article, the experiences during the development of project preparation recital teaching as a basis of research for those interested in this subject.

Keywords: Project elaboration, Didactic Recital, Training Audience

1. INTRODUÇÃO

Como requisito parcial para a formatura da turma de 2012/2 do curso de Licenciatura em Música à Distância da Universidade de Brasília, foi solicitado a elaboração e execução de um projeto de recital didático com vistas à formação de plateia com alunos do 9º Ano do ensino fundamental. Os objetivos desse projeto incluíram não só a ampliação do repertório musical desses adolescentes, como também conhecer a maneira como esses alunos escutam música e o que ela significa para eles.

Este artigo pretende analisar todas as atividades, sejam de cunho pedagógico/musicais ou não, que foram necessárias para a construção e realização desse projeto. No ensejo, registrarei como se deu o contato dos licenciandos com a escola, o primeiro encontro destes licenciandos com os alunos, as expectativas de ambos, as atividades musicais realizadas nas oficinas, o processo de organização de recital, instrumentação, *performers*, e os resultados colhidos após a análise dos questionários de avaliação.

2. O PROJETO

O projeto foi elaborado em grupo no semestre de 2012/1, durante a disciplina Elaboração de Projeto Final de Curso pelos estudantes Franklin Pinheiro, José Eliziário, José Everaldo, e eu, Sílvia Rejane. No semestre seguinte esse projeto foi executado também em grupo, pelos próprios autores.

O estudo foi baseado na pesquisa ação prática (TRIPP, 2005), que se caracteriza pela liberdade do pesquisador em escolher os caminhos a seguir e/ou estabelecer mudanças, a fim de alcançar seus objetivos no decorrer da investigação. Dessa forma, o pesquisador pode determinar os princípios de cunho estético e analítico que deseja dar a sua pesquisa. Pode, ainda, aperfeiçoar os critérios ligados à performance, beleza, qualidade de apresentação, vislumbrando o expectador, proporcionando mudanças significativas na autoestima e no aprendizado de todos os agentes envolvidos no processo investigativo.

Sobre o tema Pesquisa ação, Gil (2007) considera este método diferente

de todos os utilizados como meio de investigação porque esta metodologia possibilita flexibilidade e um envolvimento direto dos pesquisadores e todas as pessoas incluídas na pesquisa, em momentos distintos da elaboração do projeto. Nesta metodologia ocorre certo ir e vir entre as fases, que é determinado pela dinâmica do grupo de investigadores, conforme sua relação com os investigados.

Vale ressaltar que este método de pesquisa une teoria e prática em uma única atividade e reforça a máxima da relevância da pesquisa em educação musical, como forma de nos proporcionar subsídio para nossa prática docente. Assim, os educadores musicais e estudiosos da música poderão criar perspectivas, dinâmicas e metodologias de estudos que auxiliem na compreensão e apreensão de significados, valores e singularidades que compõem o diversificado mundo da transmissão musical (QUEIROZ, 2006a; 2006b). Ademais, este método viabiliza analisar dados e situações, conhecer a realidade dos investigados, problemas ocorrentes durante o processo de seu desenvolvimento e possíveis soluções.

Com o objetivo central de estimular os alunos a ampliar suas preferências musicais e a formação de plateia, este projeto buscou, em primeiro lugar, através de questionários administrados, identificar o universo musical desses alunos. Após a análise das respostas dos questionários, procurou-se dar oportunidade de acesso a outros gêneros musicais, incentivando os alunos a uma escuta ativa, reflexiva.

Para alcançar esse objetivo foram planejadas oficinas de apreciação musical e formação de plateia, culminando num recital didático. Para auxiliar nesse processo alguns teóricos foram relevantes na fundamentação deste projeto. Santos (2007), ao afirmar que “a educação musical, ausente na vida dos adolescentes é, contraditoriamente, o espaço mediante o qual a escola pode transformar-se em porta de entrada para o 'sentir aprimorado'”, nos auxiliou a pensar nossas oficinas como espaço lúdico no qual o aprendizado seria alcançado através do prazer de ouvir e fazer música. Swanwick¹ (apud GROSSI, 2000), nos fez perceber a necessidade de priorizarmos a escuta musical com finalidade mais educacional, deixando-a em primeiro plano.

¹ SWANWICK, Keith. *A basis for music education*. London: Routledge, 1979.

Swanwick e França (2002), priorizam as atividades de execução, composição e apreciação, pois, segundo os autores, essas atividades proporcionam envolvimento direto indivíduo/música. A partir dessa ideia procuramos organizar as oficinas de forma mais ativa, baseados no modelo TECLA de Swanwick. Green² (2006, Apud GROSSI 2009) nos alertou sobre a importância de que, ao se trabalhar com jovens, os estudos musicais devem envolver tanto a música clássica como a popular. Seguindo esta visão plural, Queiroz (2004) aponta a fundamental importância de oferecer ao aluno um contato direto com variados estilos musicais. Krüger (2003) ressalta a importância na apreciação ativa dos alunos, pois esse ato envolveria escolha, experiência e conhecimento. Esse foi nosso principal objetivo para o recital didático. Por fim, Souza e Torres (2009) também reforçam a importância do “ouvir” e o “escutar” como fatores necessários a uma apreciação musical (processo de escuta que oferece prazer instantâneo, dando sentido à vida, aos sentimentos e emoções do aluno).

A intenção do projeto foi valorizar os conhecimentos e habilidades musicais que os alunos já possuíam e ampliar as possibilidades de vivências musicais desses alunos na escola e/ou fora dela (SWANWICK, 1988). A iniciativa visava estimular o aluno a conviver com a música do seu cotidiano, valorizando e conhecendo sua cultura e, ao mesmo tempo, proporcionando o acesso a novos materiais sonoros, analisando e respeitando o ambiente em que o aluno está inserido. Para tanto, utilizamos músicas que eles não estão acostumados a ouvir, tornando essa tarefa um ato de reflexão e conhecimento de uma maneira descontraída e objetiva. O recital didático proposto neste trabalho de pesquisa envolveu um repertório com estilos diversificados, procurando atingir o gosto dos alunos e incluir novas maneiras de se interpretar a música.

3. PRIMEIROS CONTATOS COM A INSTITUIÇÃO DE ENSINO

A mesma equipe que desenvolveu este projeto havia, no semestre 2012.1, desenvolvido a disciplina de Estágio Supervisionado 3 na Escola

² GREEN, Lucy. Popular music education in and for itself, and for ‘other’ music: current research in the classroom. *International Journal of Music Education*, vol. 24, n. 2, 2006, p.101-118.

Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Filgueiras. Portanto, conhecíamos um pouco da realidade musical dos alunos. Na disciplina de Estágio Supervisionado, quando trabalhamos com alguns alunos destas turmas os princípios da aprendizagem informal no ambiente formal (GREEN³ apud GROSSI, 2009) trabalhamos e transformamos as músicas que eles gostam de ouvir e, de forma criativa, possibilitamos o acesso a outros gêneros musicais e estimulamos a escuta ativa. Dos 25 alunos participantes, 08 eram alunos das turmas de 9º ano, do turno da manhã. E esses alunos foram participativos, interagiram com todo o grupo e despertaram nosso interesse em dar continuidade ao trabalho musical iniciado no ESM. Percebemos que os bons resultados colhidos no desenvolvimento desta disciplina, auxiliaram no contato para a realização de outras atividades pedagógico/musicais na mesma escola.

No dia 28 de agosto de 2012 comparecemos à Escola e demonstramos ao Diretor nossos objetivos, estimativas, expectativas, e programação a ser seguida durante o processo de desenvolvimento desse novo projeto. De pronto, fomos bem recebidos pelo Diretor e pela professora de artes, que nos cederia os horários para aplicação das oficinas e do recital didático. No ensejo, marcamos, de forma oral, as datas pré-determinadas no cronograma do projeto. Ao sairmos da sala do Diretor, dirigimo-nos à sala do Coordenador Pedagógico (responsável pela agenda cultural da Escola). E solicitamos que o coordenador verificasse a disponibilidade do auditório para as quatro segundas-feiras consecutivas. Ficou registrado, na agenda da Escola, a reserva do auditório para os dias 03.09 (oficina 1), 10.09 (oficina 2), 17.09 (oficina 3) e 24.09 (Recital Didático). Logo em seguida confirmamos com a professora de artes, as mesmas datas e horários para a liberação dos alunos das turmas de 9º Ano A e B.

Na conversa com diretor, solicitamos apenas a limpeza do ambiente antes das oficinas, posto que, tendo trabalhado naquele auditório em situações anteriores, sempre cabia a nós a tarefa de limpá-lo. O senhor Castro informou que não nos preocupássemos, pois isto era uma atribuição dos funcionários da escola, os quais chegavam cedo para realizar a organização e limpeza dos ambientes. O diretor também nos ofereceu todo o material didático e recursos

³ GREEN, Lucy. *Music, informal learning and the school: a new classroom pedagogy*. London: London University, Institute of Education, Ashgate Publishing. 2008.

materiais que a escola dispunha, caso precisássemos.

Comprometemo-nos a fazer um excelente trabalho, no qual lidaríamos com vários ritmos e estilos musicais brasileiros e forneceríamos ao aluno uma visão panorâmica da riqueza da nossa música nacional. Após os trabalhos e atividades do projeto, o discente poderia fazer inferências, comparações, abstrações e identificar os pontos análogos e diferentes nos gêneros musicais apresentados. Seria uma maneira de o aluno construir uma opinião própria acerca da música brasileira. Trabalhando a diversidade musical brasileira através de oficinas, de rearranjos, imitações, improvisações e outros, proporcionaríamos aos alunos a oportunidade de uma reapropriação significativa da sua vivência musical (PENNA e MARINHO, 1997).

No contato com o diretor da escola, nos preocupamos em obter informações sobre a agenda da Instituição, a fim de acertamos previamente todos os detalhes relativos ao cronograma. Esta nossa preocupação faz relação com as ideias de Cardassi (2000), que em seu texto acerca da prática de performance e produção de recitais, ressalta fatores primordiais. A autora recomenda manter-se atento aos detalhes organizacionais, desenvolvendo e buscando alternativas próprias para superar a ansiedade na performance. Atentamos para os detalhes prévios à organização do evento Recital Didático, por isso nos antecipamos em agendar as datas, reservar o auditório, escolher instrumentação e organizar os equipamentos a serem usados.

Firmamos, naquele dia, um compromisso de parceria entre as partes envolvidas neste processo de construção do Recital final: a escola, que nos acolhera e os alunos das turmas que visitamos x licenciandos/estagiários, no processo de preparação para o recital final de curso. Graças a esse processo de preparação, as oficinas pedagógico/musicais e o Recital Didático aconteceram, impreterivelmente, no prazo estabelecido, de acordo com o cronograma do projeto.

4. A REALIZAÇÃO DO PROJETO

4.1. AS OFICINAS

A temática de nosso projeto fora baseado na diversidade musical

brasileira. Tínhamos um desafio às mãos: como fazer para contemplar as músicas dos alunos e lhes dar a oportunidade de acesso a outros gêneros musicais em apenas três oficinas? Percebi na leitura do texto de Antunes (2007), a afirmação de que um projeto pode ser definido como uma pesquisa específica ou uma investigação desenvolvida, com profundidade sobre um tema delineado e objetivos aferidos. Então, quando a equipe se propôs a conhecer a realidade sociocultural e musical do aluno, preocupou-se em planejar oficinas. Estas possibilitariam encontrar respostas para as perguntas da problematização, as quais norteariam a investigação e, através das oficinas, alcançaríamos os objetivos propostos.

Santaella (2001, p. 189) afirma que um projeto de pesquisa exige o cuidado com os detalhes a que todo bom planejamento nos obriga. Consideramos esta máxima e planejamos oficinas que trabalhariam as músicas extrínsecas ao mundo cultural dos alunos para considerarmos o principal objetivo do projeto: a formação de plateia. Dessa forma, para atingirmos a maior quantidade possível de músicas nas atividades desenvolvidas, optamos por dividir cada oficina em duas. Fizemos opção, ainda, por preparar uma performance de recepção e despedida dos alunos no auditório com as músicas do repertório do recital que não seriam contempladas nas oficinas. Assim, através da escuta, os alunos iriam se acostumando com os novos sons com os quais teriam contato no recital didático.

Então, o cronograma foi estipulado da seguinte forma:

DIAS	REPERTÓRIO	ACADÊMICOS
03.09.2012	Atividades musicais e Cânone Baião de ninar – Domínio Público	Sílvia Rejane
10.09.2012	Carinhoso – Pixinguinha e Tarde Demais – Zezé de Camargo e Luciano	José Everaldo e Franklin Pinheiro
17.09.2012	Baião (Luiz Gonzaga) e Um dia de domingo (Michael Sullivan e Paulo Massadas)	José Eliziário

De acordo com o cronograma, das 10 músicas que compunham o repertório musical do recital, 05 delas foram trabalhadas de forma pedagógico

musical nas oficinas. As outras 05 restantes foram executadas pelos músicos na abertura e encerramento das 03 oficinas.

Nas duas semanas anteriores ao início das oficinas, a equipe se reuniu por diversas vezes para a preparação das atividades e/ou jogos musicais que seriam desenvolvidos nas oficinas, bem como, para ensaiar e preparar as músicas que seriam cantadas. A preocupação do grupo era que os alunos tivessem contato com um repertório eclético e bem executado. Durante os encontros, os membros da equipe dividiram as atividades, tomando, cada um, responsabilidade pelos papéis que iria desempenhar na pesquisa ação. Vale ressaltar que, em nenhum momento, qualquer acadêmico trabalhou sozinho, nem mesmo ministrando a sua oficina, posto que, o grupo trabalhou de forma integrada, cada um dando suporte ao outro.

Como informado anteriormente, a Escola disponibilizou todo o material e/ou recurso eletrônico de que dispunha e se fizeram necessários à realização dos trabalhos. Entretanto, fizemos opção por não utilizar o material da escola logo na primeira oficina quando ainda preparávamos o ambiente. Ao detectarmos que a caixa amplificadora disponibilizada pela escola estava com defeito, mudamos os planos e utilizamos a aparelhagem de som de um colega que, por sorte nossa, se encontrava no carro. Estávamos a cinco minutos de iniciarmos a primeira oficina. Até carregarmos todo esse material, montar os equipamentos, passar o som e trazer as turmas ao auditório, perdemos um tempo precioso. Começamos nosso primeiro encontro com um imprevisto que, *ipso facto*, resultou em um atraso considerável de 30 minutos.

Esse erro poderia ter sido evitado se, antes de iniciar essa primeira atividade, tivéssemos nos certificado de que o equipamento disponibilizado pela instituição não só estava em bom estado, como seria o suficiente para nossas necessidades. Em situações na qual se faz uso de equipamentos eletrônicos de amplificação sonora, percebi que é importante certificar-se de que: 1) há potência suficiente para amplificação; 2) há canais suficientes para a conexão de todos os instrumentos e tocador de CD; 3) os cabos de conexão estão todos funcionando e; 4) há extensão para ligar todos os equipamentos a serem utilizados, sem expor ao risco a rede elétrica da sala. Ainda acrescento que, no caso dos cabos e extensões, nunca é demais ter mais opções do que somente os que serão utilizados, para que alguns fiquem de reserva, caso

surjam imprevistos.

Conforme Carvalho (2010), um dos recursos mais limitados e voláteis que existe é o tempo. O tempo perdido não se recupera. Então, na execução do projeto, é necessário ter autonomia, ter capacidade técnica para solucionar, a tempo, problemas que, porventura, surgirem. É essencial o espírito de liderança, respeitando as possibilidades e limitações de cada membro do grupo e incentivando a participação de todos nesta missão coletiva.

Para amenizar o contratempo, decidimos por chamar as duas turmas juntas e trabalhar as tarefas da oficina com os 75 alunos, de maneira que otimizássemos o tempo. Cometemos um fatídico erro que proporcionou prejuízo no aprendizado musical. A primeira atividade relacionada ao pulso não funcionou porque houve dispersão, tumulto, muito barulho, causando um déficit na sequência de atividades. Em contrapartida, apesar da quantidade de alunos, a atividade de cânone fora muito bem sucedida. Os alunos aceitaram a música, cantaram e ensaiaram, se preparando para a execução da mesma no recital.

Nas oficinas seguintes as turmas foram levadas ao auditório em horários separados. Cada sala em seu horário de aula e os trabalhos renderam positivamente proporcionando uma troca de experiência e aprendizado recíprocos. Na oficina 3, após a realização das atividades planejadas, juntamos as duas turmas, novamente para ensaiarmos a performance do cânone “Baião de ninar”. Esta peça seria apresentada no recital, cantada pelos alunos das duas turmas de 9º Ano e executada com a participação de dois alunos instrumentistas destas mesmas turmas: Cláudio Ezequiel no teclado e Felipe Souza na bateria.

4.2 O RECITAL

Um projeto engloba o uso coordenado de recursos materiais, financeiros e humanos em um cronograma onde se necessita atingir todos os objetivos traçados. Elaborar um projeto é vislumbrar e incitar os recursos indispensáveis para o fomento de uma série de tarefas que serão realizadas, almejando as metas, as estratégias que serão usadas para atingi-las, bem como, o modo de avaliar os resultados (KISIL, 1995). Um projeto musical bem sucedido exige um bom planejamento e uma equipe de execução coesa. A equipe deve ter espírito

de grupo, maturidade, criatividade e comprometimento em todas as etapas do processo de preparação, incluindo as oficinas preparatórias e o Recital. Todos esses quesitos influenciam na performance no Recital Didático, inclusive, no caráter psicológico. Cardassi (2000) nos alerta para a “ansiedade”, seus pontos positivos e negativos na preparação dos instrumentistas. Durante a apresentação, os músicos devem encarar o recital como um desafio e não como ameaça.

Cardassi (2000) nos fala ainda que, para a elaboração e desenvolvimento de um projeto musical com vistas na realização de um recital, devemos nos atentar para a preparação organizacional que tange ao crivo da organização, divulgação e produção do recital. Carvalho (2010) nos orienta também para a prevenção de problemas no âmbito organizacional. Comumente os autores nos orientam aos cuidados e à devida preocupação com o local da realização do recital, cronograma, convidados, convites, organização do ambiente, instrumentação, folders, decoração de palco, o horário disponível pela escola, dentre outros.

Quando realizamos as oficinas preparatórias e o recital didático na Escola Estadual Maria Filgueiras, nos preocupamos com os mínimos detalhes relacionados à organização. Começamos pelas reuniões de planejamento de ações e ensaios preparatórios das oficinas e do repertório do recital. Com antecedência, tratamos de preparar os convites e distribuí-los, pra que nossos convidados tivessem tempo suficiente na organizarem suas agendas. Realizamos a divulgação na escola, através de cartazes e divulgamos as ideias nos sites de relacionamento, dos quais fazemos parte.

Em tempo hábil a equipe providenciou, junto a uma gráfica da cidade, os folders com a programação do recital didático, as músicas do repertório, além de jogos e curiosidades extraídos dos materiais didáticos elaborados pelo grupo. Assim, os folders se tornaram atrativos, de modo que, além de acompanhar todas as canções do repertório, o público pode se valer de um vasto campo de informações, novidades, jogos musicais, curiosidades sobre os instrumentos utilizados nas performances, além de curiosidades sobre os gêneros musicais tocados no recital.

Todo projeto pedagógico, seja de cunho musical ou não, demanda gastos e requer uma preparação financeira elaborada. Para o desenvolvimento deste

projeto não tínhamos fundo de caixa, nem angariaríamos patrocínios externos, então, fez-se necessário deixar prevalecer à vontade de fazer o recital acontecer, assim como, a união do grupo. A ideia da equipe era de elaborar um material bonito, com gravuras, colorido atrativo e um folder, além de informativo, elegante. Para tanto, optamos por cotas realizadas entre os acadêmicos que compunham a equipe. É claro que poderíamos optar por xerox do material e por um trabalho caseiro menos estruturado, afinal de contas, eram alunos de uma escola pública e, quem sabe, ao final do recital, o material preparado não estaria jogado ao chão ou ao lixo. No entanto, foi consenso de todo o grupo que fizéssemos a cota para a aquisição do material que precisássemos para a execução do recital. No dia a dia, em outros projetos de pesquisa, talvez essa prática não se faça viável, por isso, decidimos que, em projetos futuros, iremos em busca de apoio, parcerias e patrocínios, no intuito de desenvolvermos projetos de pesquisa mais bem estruturados.

Com os detalhes concluídos e pormenores providenciados, realizamos o Recital Didático no dia 24.09.2012, sem intercorrências, no horário agendado com o Coordenador Pedagógico e registrado na agenda da escola. Para este Recital Didático com vistas na formação de plateia que contemplava a diversidade musical brasileira, pensamos em combinar nas performances, sons de instrumentos musicais variados, como: violão, cavaquinho, pandeiro, zabumba, triângulo, pífano, clarinete, acordeom, teclado, bateria, cajon e baixo.

No intuito de atingirmos nossos objetivos e fazermos um evento de qualidade, além dos quatro licenciandos (Franklin Pinheiro, José Eliziário, José Everaldo e Sílvia Rejane), também se apresentaram no palco do Recital, convidados especiais que proporcionaram àquele momento, maior êxito. Tivemos a presença do Grupo de Choro da Polícia Militar do Acre (PMAC) tocando diversos chorinhos para recepcionarmos nosso público e, na programação do Recital Didático, executando o Chorinho “Carinhoso”, de Pixinguinha, bem como, fazendo rearranjo da música “Minha Canção”, de Chico Buarque. Este grupo participou, também, das execuções das músicas que fizeram alusão ao centenário de Luiz Gonzaga e da percussão inserida em outras performances.

O segundo Convidado especial foi o renomado Bené do Cavaco que tocou em uma sanfona branca acompanhando as músicas “Paraíba”, de Luiz

Gonzaga, “Baião de Ninar”, Domínio Público, “Como é Grande o Meu Amor por Você”, de Roberto Carlos (rearranjo em ritmo de xote) e “Baião”, de Luiz Gonzaga. Esta última música citada deveria ser executada pelo acadêmico José Eliziário. No dia anterior, o licenciando fora acometido por uma crise afônica. Impossibilitado de cantar, o acadêmico solicitou a ajuda de um parceiro musical – Carlinhos Bahia (cantor acriano) o qual nos presenteou com uma bela performance. Ressalto que a música “Baião de ninar” foi executada na forma Cãnone e teve a participação efetiva dos alunos das turmas de 9º Ano A e B.

As duas músicas sertanejas “A Saudade Mata a Gente”, de João de Barro e Antônio Almeida, “Tarde Demais”, de Zezé de Camargo e Luciano e a música Romântica “Um dia de Domingo”, de Michael Sullivan e Paulo Massadas, foram executadas pela banda formada no palco e interpretadas pelos acadêmicos Sílvia Rejane e Franklin Pinheiro. E, por último, a música gospel “Eu Celebrarei”, do grupo Quatro por Um, teve a participação dos alunos Felipe Sousa (9º Ano A), na bateria e Cláudio Ezequiel (9ºAno B), no teclado.

Diante das expectativas e resultados obtidos, podemos considerar que o Recital foi um sucesso. No auditório estavam presentes convidados dos acadêmicos, alunos e professores das turmas de 9º ano, o diretor e alguns funcionários da escola. Todas as apresentações envolveram uma temática didática. Entre uma performance e outra, foram apresentadas informações de acordo com as categorias de resposta à música (GROSSI, 2000), como: materiais de som; caráter contextual, relações estruturais e caráter expressivo. Outras dimensões de resposta foram surgindo ao longo do recital, à medida que nosso público ouvinte apreciava a apresentação, aguçando a audição, conforme menciona Swanwick:

“Audição, é ouvir “atentamente e sensivelmente (embora não necessariamente) no contexto de uma audiência”; inclui “uma empatia com os executantes, um senso de estilo musical relevante para a ocasião, uma prontidão para ‘seguir junto com’ a música e... uma habilidade para responder e relacionar intimamente o objeto musical como um ser estético”. (SWANWICK⁴ apud GROSSI, 2000)

Em nosso recital didático os alunos e demais convidados, utilizaram a

⁴

SWANWICK, Keith (1979). A Basis for Music Education. London: Routledge.

audição, aceitaram de forma celebrada as músicas do repertório, cantaram, se envolveram com suas músicas e com músicas que não faziam parte de seus cotidianos. Eles demonstraram total empatia com os músicos, instrumentação, estilos ou gêneros musicais apresentados e se tornaram parte integrante daquele momento de fazer musical.

5. CONCLUSÃO

Em seu livro intitulado “Comunicação e pesquisa”, Santaella compara o projeto de pesquisa com uma máquina que tem as funções vitais de um corpo vivo, merecendo, portanto, todo o cuidado que os agentes desenvolvedores puderem dedicar. A autora utiliza-se da seguinte expressão:

“Em meio às muitas compensações que um bom projeto nos traz, entre elas especialmente, uma certa garantia de que a jornada deverá chegar com êxito ao seu destino, a compreensão mais gratificante se encontra naqueles momentos em que a pesquisa começa a adquirir força e determinações próprias, exigências internas tão eloquentes como se viessem do corpo vivo. De agente do processo, o pesquisador passa a estatuto interlocutor, apalpando e auscultando as determinações internas do seu trabalho. Mas gratificante ainda, como se fossem iluminações súbitas no meio do caminho, sem que saibamos bem de onde elas vêm, são os momentos em que nos defrontamos com as surpresas das descobertas imprevistas. (SANTAELLA, 2001, p. 189)

As ideias de Santaella tornam-se irrefutáveis, quando se referem à transformação do projeto em algo análogo ao corpo vivo. Nosso projeto foi idealizado e tomando forma durante o semestre passado. Quando iniciamos o semestre 2012.2, tínhamos nos tornado parte integrante da pesquisa empírica. Aos poucos, detectamos os percalços, falhas, benefícios e outros fatores que nos auxiliaram durante o processo de desenvolvimento do projeto. Com o tempo, fomos moldando-os, estipulando os vetores que nos conduziram ao sucesso do projeto de pesquisa.

Até aqui percebemos que, mesmo a equipe de pesquisadores sendo meticulosa e usufruindo de um bom planejamento de projeto, o inesperado acontece. Ocorrem certos desvios nos momentos de execução, que pegam o grupo de surpresa e podem por abaixo tudo o que foi edificado durante o

processo de elaboração do recital. Com nosso grupo não foi diferente, mas com um espírito colaborativo e dinamismo, driblamos as dificuldades, a saber: em nenhuma das segundas-feiras das oficinas encontramos o auditório em boas condições de trabalho. Quando adentrávamos, José Everaldo e eu, pegávamos vassouras, limpávamos e organizávamos as cadeiras antes de receber os alunos. Franklin Pinheiro e José Eliziário se encarregavam dos equipamentos de som e instrumentação que seriam utilizados durante as oficinas.

Às vésperas a culminância do projeto, o Diretor da escola foi contatado e nos tranquilizou acerca da limpeza e organização do auditório. Foi-nos prometido que seria feito uma escala de funcionários e estes, seriam encarregados de retirar todo o material que não fosse utilizado no recital e, ainda, limpar e organizar o ambiente com antecedência, a fim de que, quando de nossa chegada, ornamentássemos o palco e instalássemos os equipamentos necessários à realização do Recital.

Todavia, a Escola cede o ambiente escolar para cultos evangélicos nas noites de domingo e, em decorrência de um congresso desta igreja ocorrido no final de semana, ao chegarmos ao auditório, percebemos que o espaço estava em uma desorganização ainda maior que nas últimas segundas-feiras.

Com essa experiência aprendemos que, se a equipe ou você precisar e/ou quiser que o processo organizacional da realização do projeto seja cumprido com êxito, arregace as mangas e vá a luta. Peça ajuda de parceiros diretos e indiretos, colegas e participantes da pesquisa. As pessoas irão colaborar somente se estiverem envolvidas no projeto. Dessa forma, se dará a importância que o projeto de pesquisa merece. Para que tudo ocorra perfeitamente, é preciso que a comunicação entre as partes ocorra sem ruídos. Além disso, certifique-se dos prazos, datas e horários, e organize seu tempo prevendo imprevistos.

Comumente às segundas-feiras anteriores, fomos à labuta. A equipe se apresentou à escola preparada para a realização das performances. Todos lapidados, bem vestidos e perfumados. E esta mesma equipe foi ao lixo, varrer, limpar, organizar, retirar material que não fazia parte do cenário, afixar banner, montar bateria, equipamentos de som, organizar cadeiras, dentre outros. Naqueles instantes não havia preocupação com cabelos, suor, unhas, batom.

Havia sim, uma preocupação em proporcionar aos alunos e convidados um belo espetáculo musical e, foi o que aconteceu ali. Cabe afirmar que “sem a participação do ser humano não há transformação de materiais para a implantação de projetos”. (CARVALHO, 2010)

Desde o imprevisto ocorrido na primeira oficina, fizemos opção de não utilizar os recursos oferecidos pela escola, como: caixas amplificadas, data show, mesa de som, microfones e instrumentos musicais. Tudo o que foi utilizado para os trabalhos realizados a partir de então foram levados pelos acadêmicos responsáveis pelo projeto. Dessa forma, não era necessário esperar que os funcionários (que estavam sempre atrasados), chegassem para abrir as salas e liberassem o material, bem como, não haveria riscos de danificarmos quaisquer recursos materiais da escola.

Imprevistos acontecem e, em acordo com a famosa Lei de Murphy⁵, “se alguma coisa pode dar errado, dará; e mais, dará errado da pior maneira, no pior momento e de modo que cause o maior dano possível”. Então, não se pode deixar de mencionar que problemas surgiram na execução deste e de outro projeto desenvolvido por colegas de turma, como esperado. Entretanto, nossa equipe era desenvolta, dinâmica e autônoma. Vieram os contratemplos, mas estes foram deixados de lado facilmente, em decorrência da transparência, eficiência, união e compromisso dos membros da equipe.

Por fim, analisando através dos olhos de pesquisadora, concluo que a equipe cumpriu com mérito as atividades previstas para a materialização deste projeto de pesquisa. O grupo alcançou todos os objetivos almejados: 1) O estímulo aos alunos a ampliar suas preferências musicais e o incentivo da formação de plateia; 2) A identificação e valorização das preferências musicais dos alunos, considerando os espaços onde ouvem e conhecem música, como e por quê; 3) A oferta [aos alunos] da oportunidade de acesso a outros gêneros musicais.

Quando da idealização do projeto, no semestre 2012.1, aplicamos um

⁵ O criador dessa lei foi o capitão da Força Aérea americana, Edward Murphy, e também foi a primeira vítima conhecida de sua própria lei. Ele era um dos engenheiros envolvidos nos testes sobre os efeitos da desaceleração rápida em piloto de aeronaves.

Para poder fazer essa medição, construiu um equipamento que registrava os batimentos cardíacos e a respiração dos pilotos. O aparelho foi instalado por um técnico, mas simplesmente ocorreu uma pane, com isso Murphy foi chamado para consertar o equipamento, descobriu que a instalação estava toda errada, daí formulou a sua lei que dizia: “Se alguma coisa tem a mais remota chance de dar errado, certamente dará”.

questionário administrado de sondagem da vivência musical dos alunos. Os resultados obtidos informavam que os dois estilos mais apreciados pelos alunos eram o sertanejo (81% - 60 alunos) e o gospel (62% - 46 alunos). Observamos com esses dados uma baixa porcentagem de alunos que gosta de outros estilos ou ritmos musicais brasileiros. Além disso, observamos também que nossos alunos não costumam ouvir música em shows ou em recitais e concertos. Assim, decidimos por elaborar um repertório que valorizasse a música do aluno, seus gêneros musicais preferidos e inserimos outros estilos e ritmos brasileiros. Essa escolha possibilitou [aos alunos] um contato direto com músicas que não fazem parte de seu cotidiano, mas que ajudaram a transformar seus conceitos acerca da música popular brasileira estimulando uma escuta ativa e mais crítica.

Após a terceira oficina didático/musical, no questionário de avaliação das oficinas, obtivemos dados que comprovam a ampliação do repertório musical dos alunos. Dentre as músicas mais atrativas trabalhadas nas oficinas, (73% - 52 alunos) afirmaram que gostaram de “Baião de Ninar” – Domínio Público – canção executada em forma de cânone pelos alunos das turmas. (44 alunos) 62%, apreciaram a música sertaneja e o rearranjo realizado na segunda oficina.

O repertório foi pensado em grupo. Cada aluno apresentou sugestões que combinassem as ideias – valorização da música do aluno x ampliação de repertório x formação de plateia. Em cada música sugerida pensamos na instrumentação apropriada, execução, timbre dos instrumentos, apresentações originais, rearranjos e na possibilidade da participação direta dos alunos. Dessa forma, criamos um repertório eclético baseado na diversidade musical brasileira que também fez alusão ao Centenário de Luiz Gonzaga e que variou desde o sertanejo raiz ao chorinho e da música de Domínio Público ao gospel.

Quando aplicamos o questionário de avaliação do Recital Didático, analisamos que, dos 72 alunos presentes 82% (59) escolheram como melhor performance a música “Tarde Demais”, de Zezé de Camargo e Luciano, confirmando e reafirmando o gosto pelo gênero sertanejo. 81% (58) fez opção pela música de Domínio Público “Baião de Ninar”, executada em Cânone, com a participação efetiva dos alunos, mostrando a aceitação de uma nova música no repertório destes. 74% (53) fizeram opção pela execução da música “Dia de

Domingo”, de Michael Sullivan e Paulo Massadas. Esta também não fazia parte do repertório, mas foi muito bem aceita e trabalhada na terceira oficina preparatória. Então, concluo que houve ampliação do repertório do aluno e contemplação (valorização) da música que faz parte do seu cotidiano.

Vale lembrar que este Projeto de Final de Curso, que vislumbrou a Diversidade Musical Brasileira, meandrou por caminhos musicais variados, de onde emanaram mais três outros estudos: “Reflexões sobre a relação entre jovens acrianos e a música sertaneja contemporânea” de Franklin Pinheiro; “O forró e a educação musical: uma experiência nas oficinas de música e no recital didático” de José Eliziário; “Música e religião no ensino fundamental: relato de uma experiência” de José Everaldo.

Como todo projeto de pesquisa exige de seu criador um esforço de organização que transcende à normalidade, o autor deve, em alguma oportunidade, rebelar-se contra a ordem natural da organização das coisas e fazer acontecer o espetáculo/evento à sua maneira e identidade. Essa necessidade de transgredir surge com certa naturalidade, e exige do autor a perspicácia do ser criativo, do chamar atenção para as necessidades irrevogáveis dos fatores emergentes. Os contratempos sempre nos trazem alguma compensação. O que podemos aprender com eles é que, às vezes, ousar no momento devido vai “fazer acontecer”, unindo-se com a criatividade inerente a cada criador/pesquisador. Constantemente é necessário ter prazer e afeto pelo que é produzido. As dúvidas quanto à eficácia da nossa produção, a qualquer tempo vão permear o trabalho porque ele surge como fonte inesgotável de possibilidades, de intertextualidades e interações.

Aprendi que não é em toda oportunidade que posso confiar no planejamento prévio. Devo elaborar certo esforço para antecipar-me às dificuldades e à falta de ajuda, unindo os prós e contras de que disponho. Ou seja, refazer ações próprias e em conjunto é salutar, contando, certamente, com uma segunda estratégia planejada com antecedência, o famoso “Plano B”, como artifício redentor, por exemplo, de possíveis situações constrangedoras.

6. REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. Texto: Trabalhando com Projetos. *Revista Direcional Escolas*. Ano III. 29ª Edição. 2007.
- CARDASSI, Luciane. Pisando no palco: prática de performance e produção de recitais. In: do Seminário Nacional de Pesquisa em Performance Musical, 1., *Anais*, Belo Horizonte, 2000: pp. 251 – 257.
- CARVALHO, Claudinê Jordão de. Elaboração e administração de projetos. Graduação em Administração a Distância. UAB – UnB, 2010.
- FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. *Em pauta* (Rio de Janeiro), Porto Alegre, 2002, v.13, n. 21, p. 5/41.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª Edição – Reimpressão. São Paulo: Atlas, 2007
- GREEN, Lucy. Pesquisa em sociologia da educação musical. *Revista da ABEM*, N.4, p.25-35, 1997.
- GROSSI, Cristina. “Categorias de respostas na audição da música popular e suas implicações para a percepção musical”. Simpósio Paranaense de Educação Musical, 7., *Anais*, Londrina: Midiograf, p. 37-64, 2000.
- _____. Formando Educadores Musicais para a “Informalidade” na Sala de Aula da Escola. Encontro Regional Centro-Oeste da *ABEM*, 9., Campo Grande: UFMS, 25-26 de junho de 2009.
- KISIL, Rosana. *Manual de Elaboração de Projetos e Propostas*. Universidade de São Paulo, 1995.
- KRÜGER, Susana Ester; HENTSCHKE, Liane. Contribuição das Orquestras para o Ensino de Música na Educação Básica: relato de uma experiência. *Ensino de Música: proposta para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo. Editora Moderna, 2003.
- NETO, Argentino. Keith Swanwick: *Teoria Espiral de Swanwick*. Ideias em Arte Educação. Disponível em: <http://ideiasemarteeducacao.blogspot.com.br/2009/05/teoria-espiral-de-swanwick.html> . Acessado em 15.11.2012.
- PENNA, Maura e MARINHO, Vanildo - *Atravez: Associação Artístico Cultural. Rearranjo Estratégia Criativa*, 1997. Disponível em: http://www.atravez.org.br/ceem_6/rearranjo.htm - acessado em 15.11.2012.
- PERCÍLIA, Eliene. *Lei de Murphy: curiosidades*. Revista Brasil Escola. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/curiosidades/lei-murphy.htm>. Acessado em 09.12.2012.
- QUEIROZ, Luiz Ricardo Silva. Educação Musical e cultura: singularidade e

pluralidade cultural no ensino e aprendizagem de música. *Revista ABEM*, Porto Alegre, V.10, p. 99-107, março de 2004.

_____; FIGUEIRÊDO, Anne Raelly Pereira de. Práticas musicais urbanas: dimensões do contexto sociocultural de João Pessoa. *ICTUS* - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Música da UFBA, Salvador, n. 7, p. 75-86, 2006a.

_____. Transmissão musical no contexto urbano de João Pessoa. In: Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical, 15., 2006, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: EDUEPB/ABEM, 2006b, p. 691-701.

SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação e pesquisa: projeto para mestrado e doutorado*. São Paulo: Hackers Editores, 2001.

SANTOS, Cleonice dos. *Preferências Musicais de alunos de 5ª a 8ª série da rede municipal de ensino de Curitiba: Significados da escuta*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.

SOUZA, Jusamara; TORRES, Maria Cecília de Araújo. Maneiras de ouvir música: uma questão para a educação musical com jovens. *Música na educação básica*. Porto Alegre, v.1, outubro de 2009.

TRIPP, David. Pesquisa ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.